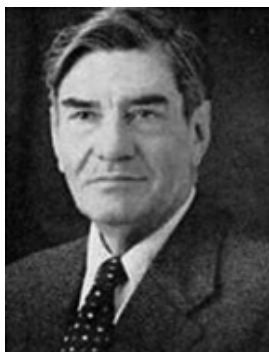


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CORTESÃO, Armando de F. Zuzarte (Coimbra, 1891 – Lisboa, 1977)

Notabilizou-se como historiador da cartografia, pela vasta obra publicada não só no plano historiográfico, como nos domínios da agronomia, assuntos coloniais, história da ciência, cultura e relações internacionais. Foi um republicano liberal opositor, administrador colonial, alto funcionário da Unesco e reconhecido atleta olímpico. Armando Cortesão nasceu a 31 de Janeiro de 1891 em São João do Campo, arredores de Coimbra, no seio de uma família de classe média com tradições republicanas e liberais. Educado em Coimbra, onde se revela um eclético desportista, em 1912 fará parte da primeira representação Olímpica portuguesa nos V Jogos Olímpicos de Estocolmo, cuja prestação se destacará no Atletismo, na exigente corrida de 800m.

Obtém o título de Engenheiro Agrónomo no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, com uma dissertação sobre os estudos trematológicos e os melhoramentos das plantas, onde já denotará vincados traços de um patriotismo e sentir histórico que nortearão sistematicamente a sua vida. Detentor de um rico *curriculum* agronómico, no seguimento de missões efectuadas às Américas, Índias Ocidentais, Guiné, Senegal e S. Tomé de 1914 a 1920, sobre as quais publica vários estudos e artigos. Participa na Missão Geodésica em S. Tomé e Príncipe em 1917-18, levada a cabo por Gago Coutinho. De regresso a Lisboa em 1920 ocupará vários cargos na Administração colonial portuguesa, até ao seu afastamento em 1932. Foi o Delegado português aos Congressos coloniais de Londres em 1921, Bruxelas em 1924 e Comissário Geral de Portugal na Exposição Internacional de Antuérpia em 1930.

Foi o primeiro Agente Geral das Colónias e criou o *Boletim da Agência Geral das Colónias* do qual foi responsável até 1932. São da sua autoria diversos artigos abordando a temática colonial, a Geografia, a Cartografia e a História. Durante este período visita todas as colónias portuguesas e as capitais das principais potências coloniais europeias, participando em *fóruns* e Exposições Internacionais. Em 1928, torna-se Membro do Instituto Colonial Internacional, do qual fará parte durante 30 anos. Em 1930 foi agraciado com o grau de Grande – Oficial da Ordem Militar de Cristo, em reconhecimento pelos destacados serviços prestados ao País no exercício de funções na administração pública. No início de 1932 é afastado por motivos políticos das altas funções que exerce, vindo a ocupar-se da redacção das suas investigações históricas iniciando então um período em que se desdobra em conferências sobre Cartografia antiga e temas históricos, como a questão colombina. Cortesão, enquanto funcionário colonial insere-se num grupo



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de quadros científicos e técnicos, indissociável da política ultramarina seguida pelo Estado na primeira metade do século XX. A questão do regime político era relativamente secundária, uma vez que, o chamado Ultramar era considerado uma questão nacional, em torno da qual alinhavam diferentes posições políticas e ideológicas, desde o republicanismo liberal e democrático ao nacionalismo retórico do Estado Novo.

Desde cedo, interessado por temas relacionados com a expansão ultramarina portuguesa, Cortesão publicará o seu primeiro estudo em 1926 “Onde era o Cabo dos Mastros dos nossos antigos Navegadores” e, em 1932 na *Seara Nova*, um artigo sobre um novo atlas de Vaz Dourado. Ainda nesse ano publica em *O Instituto*, um estudo monográfico sobre a família de cartógrafos portugueses do séc. XVI, de apelido *Homem*, que mais tarde já ampliado será integrado na sua primeira obra de grande magnitude, na área de estudos cartográficos, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, que vai a prelo em 1935.

Entretanto, em paralelo, conduz crescentes actividades de cariz político-ideológico contra a Ditadura de Oliveira Salazar, sobretudo a partir de Espanha onde se encontra exilado. Com o deflagrar da guerra civil em Espanha, Cortesão refugia-se em Londres. Durante o seu exílio na Inglaterra, participa activamente no esforço de guerra como voluntário de 1942 a 1945, que lhe vale um Louvor do Rei Jorge VI. Em 1944, com o patrocínio da Hakluyt Society vem a público em Londres *The Suma Oriental of Tomé Pires*, encontrada num códice inédito descoberto por Cortesão em Setembro de 1937, na Biblioteca da *Chambre des Députés* em Paris. Na mesma encadernação encontrava-se também o livro e atlas do cartógrafo-piloto Francisco Rodrigues.

Entre 1946 e 1952 ocupará elevados cargos na UNESCO, em pelouros relacionados com a História da Ciência e a Cultura. Em 1950, a convite de Charles R. Boxer, de quem era amigo, profere uma conferência *inédita*, no King's College da Universidade de Londres, onde refere as contribuições portuguesas para a Navegação Científica e Cartografia. Em 1953 num artigo da revista *Imago Mundi* irá anunciar *The North Atlantic nautical Chart of 1421*, vindo a publicar o seu estudo mais aprofundado em Coimbra, em 1954. Sobre uma carta náutica veneziana de que tem conhecimento em finais de 1949, o Autor elabora a sua tese mais ortodoxa, acerca de uma presença de navegadores portugueses nas costas do continente americano em princípios do século XV. Foi alvo de acesa controvérsia, por parte dos defensores do histórico *paradigma Colombino*, tendo mais tarde voltado à sua investigação, mantendo contudo inalteradas as suas convicções iniciais. Em 1960, no contexto das Comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique irá publicar, em co-autoria com Teixeira da Mota, aquela que viria a ser a sua *magnum opus*, os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, numa vasta investigação de 6 anos onde se inventariou a obra dos cartógrafos portugueses dos séculos XV-XVII. Em Abril 1961, a Universidade de Coimbra concederá a Armando Cortesão o título de Doutor *Honoris Causa* em Ciências Matemáticas, em reconhecimento académico pelos seus estudos da cartografia dos descobrimentos e em Outubro receberia o grau *Honoris Causa Doctor of Letters*, pela St. John University do Canadá. Ainda nesse ano, pelas mãos do presidente



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

da República Américo Thomaz, Cortesão será agraciado com a mais elevada distinção, a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique, criada em 1960. No final da década de 60 iria publicar, com a colaboração de Luís de Albuquerque, a *História da Cartografia Portuguesa*, obra que deixaria inacabada e ainda um polémico ensaio sobre Vasco da Gama, em 1973.

Armando Cortesão foi professor de Cartografia na Universidade de Coimbra durante mais de uma década e fez parte de mais de uma dezena de academias científicas e instituições culturais nacionais e internacionais, entre as quais se salientam as Royal Geographical Society e Hakluyt Society de Londres, a Académie Internationale d'Histoire des Sciences, a National Geographical Society de Washington, a Real Academia de la Historia de Espanha, a Academia das Ciências de Lisboa e a Sociedade de Geografia de Lisboa.

A notoriedade e prestígio que adquiriu nos círculos mais circunscritos à especialidade cartográfica, nomeadamente após a publicação dos *Portvgaliae*, iriam abrir-lhe as portas da prestigiada *Imago Mundi*, integrando o *Editorial Board* em 1960 e o *Committee of Management* em 1962, colaboração essa que manterá até à sua morte em 1977. No *The Geographical Journal* é referido que “Portugal has lost a man of distinction and a remarkable scholar, whose convictions at times invited controversy [...]. His friends mourn a man of great charm and distinction: the world has lost its greatest authority in historical cartography”, (“Obituaries...”, *The Geographical Journal*, vol. 144, nº 3, Nov. 1978, p. 534). A título póstumo, seria o regime republicano democrático a atribuir a Cortesão, em 1987, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, destinada a distinguir aqueles que se notabilizaram pelo seu mérito literário, científico e artístico. Constituiu vantagem significativa, o facto de Armando Cortesão se expressar em vários idiomas (fluyente no caso do inglês), que lhe conferiu maior visibilidade internacional. As funções que desde cedo ocuparia na administração colonial portuguesa proporcionaram-lhe a oportunidade de viajar e tomar conhecimento, tanto das realidades dos territórios ultramarinos portugueses, como também contactar com os principais centros do poder das potências Europeias com territórios coloniais.

O seu trajecto, enquanto investigador, poderá ser balizado em três fases distintas: os primeiros trabalhos, numa dinâmica ascendente até à publicação de *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, que virá a público em 1935 quando já se encontra exilado. Uma segunda fase, de confirmação e reconhecimento, que culminará com a sua *opus magnum*, os *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, em co-autoria com Teixeira da Mota, publicada no início dos anos sessenta e finalmente um terceiro e último período, de apogeu, com notória aceitação internacional, visível reconhecimento académico e intensa produção escrita que levará a cabo até à sua morte, apesar de deixar inacabada a sua *História da Cartografia Portuguesa*, dada ao prelo em 1969/70.

Com a criação do Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, integrado na Junta de Investigações do Ultramar, Armando Cortesão irá ser o director da Secção de Coimbra, anexa à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, em funcionamento desde 1960. A actividade editorial deste importante núcleo de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

investigação historiográfica relacionada com a expansão ultramarina, é conhecida pela publicação das séries *Memórias* e *Separatas Verdes*, com duas centenas e meia de estudos dados ao prelo entre 1961 e 2004 (dos quais a primeira centena de monografias, publicada ainda em vida de Armando Cortesão), da autoria de reconhecidos académicos, incluindo Luís de Albuquerque, Teixeira da Mota e Cortesão.

A 12 de Maio de 1960, no âmbito das comemorações Henriquinas, Armando Cortesão, em *Oração* proferida na sala dos Capelos na Universidade de Coimbra, subordinada ao ambiente científico no Portugal do século XV, numa fase embrionária da expansão atlântica sublinhava que: “os descobrimentos portugueses desenrolaram-se dentro do novo ambiente místico, cultural e científico criado pelo Franciscanismo, ou de este foi parte integrante, que logo de princípio alcançou Portugal”. Esta é uma atitude patriótica e nacional comum na *intelligentsia* portuguesa da época (também evidente na obra de Jaime Cortesão, seu irmão mais velho) que procura atribuir a primazia de grandes feitos aos portugueses.

Do ponto de vista conceptual, Cortesão tenta organizar aquela que era já uma disciplina autónoma, objecto de estudo, com conteúdos e orgânica própria. Em 1966, na entrada “História da Cartografia” da Verbo Enciclopédia, assinala a evolução dos estudos cartográficos desde a Antiguidade ao século XIX, distinguindo nos estudos histórico-cartográficos três perspectivas, Cartografia da história, Cartografia histórica e História da Cartografia. Nesta abordagem “que se ocupa da origem e evolução da técnica das cartas geográficas, sua enumeração e seu estudo sistemático através dos séculos”, encontrará quatro grandes períodos evolutivos: Cartografia clássica, Cartografia medieval, Cartografia moderna e Cartografia contemporânea. Particularizando, na história da cartografia portuguesa e novamente recorrendo à periodização, viria a definir cinco fases: Primeiro período – Infância; Segundo período – Esplendor; Terceiro período – Estagnação; Quarto período – Renovação e Quinto período - Contemporâneo. Na sua interpretação, ao terceiro período da história geral da cartografia (a Cartografia moderna), correspondem as três primeiras fases da cartografia portuguesa, do aparecimento, apogeu até à estagnação, que Cortesão considera vir a ocorrer durante e após o domínio Filipino, quando se verifica um declínio do império português e a conseqüente passagem da cartografia portuguesa para plano secundário, no virar do século XVII. Nesta panorâmica sintética e geral da cartografia portuguesa privilegia, enfatizando, aquela mais importante fase a que dedicou os seus estudos, em detrimento das produções cartográficas posteriores ao século XVIII, das quais nos dará apenas uma rápida e abreviada nota informativa. Pertinente é a observação de Francisco Roque de Oliveira, que caracteriza a visão de Cortesão sobre a história da cartografia como “[...] em tudo conforme ao mimetismo da tradição positivista [...]”, concluindo mais adiante que, sinal dos tempos, “[...] o mundo que Armando Cortesão interpelava seguiu indiferente à equação impossível e anacrónica a que se manteve preso até ao fim” (Leitores de Mapas..., 2012, p. 18).

Mais recentemente, a partir das últimas décadas do século XX e na sequência do ressurgimento de novos estudos sobre a evolução da Cartografia e da sua História, resultado de investigações elaboradas por geógrafos portugueses, vem mostrar outras abordagens e perspectivas metodológicas da evolução da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Cartografia Portuguesa, aliás, mais em consonância com as tendências que vinham a ser reflectidas nas edições da monumental *History of Cartography*. Em 1991 Maria F. Alegria e João C. Garcia suscitam, entre outras questões, a formação académica dos estudiosos de Cartografia, em particular da Cartografia portuguesa e sua História, referindo que “entre as pessoas que destacámos, não havia historiadores: O Visconde de Santarém era diplomata, Armando Cortesão engenheiro agrónomo, A. Fontoura da Costa e A. Teixeira da Mota oficiais da armada” (“Etapas de Evolução da Cartografia Portuguesa [...]”, 1991, p. 229). Constatam ainda “a não continuidade” dos estudos de História da Cartografia portuguesa, após o desaparecimento de Armando Cortesão e Teixeira da Mota, salientando que “quanto à Cartografia terrestre, nomeadamente de Portugal metropolitano, não há qualquer trabalho de conjunto e muito poucos de outro tipo” (idem, *ibidem*, p. 229). Uma das críticas mais frequentes a Armando Cortesão, por parte destes geógrafos reside nas suas sucessivas tentativas de estabelecer “um faseamento cronológico, por épocas ou etapas da Cartografia portuguesa”, não só por discordância quanto à “nomenclatura das Escolas ou dos Períodos”, mas também por considerarem que relega ou omite a Cartografia terrestre, em detrimento da Cartografia náutica (*História da Cartografia Portuguesa...*, 2012, p. 19). Parece claro que, durante mais de um século, desde os primeiros estudos do Visconde de Santarém em meados do século XIX, até à publicação dos *Portvgaliae*, ou mesmo até aos últimos trabalhos de Armando Cortesão, já na década de 70 do século XX, a abordagem historiográfica da Cartografia era uma arma diplomática ou um instrumento da propaganda oficial, que podia ser inserida no esforço nacional de valorização da epopeia das grandes descobertas marítimas.

Foi um acérrimo defensor do direito à presença e soberania portuguesa nos territórios ultramarinos, coerência que sempre demonstrou ao longo da vida, apesar das divergências ideológicas oposicionistas que o forçaram ao exílio, das aparentes simpatias e da efectiva colaboração com o regime, processo encetado a partir de meados dos anos 50, com alinhamento visível na década de sessenta, sobretudo depois do início dos conflitos armados que surgiram nas colónias portuguesas de África. Quando ideologicamente mais se aproximava do nacionalismo conservador do Estado Novo, Armando Cortesão não deixava de ser creditado como historiador da Cartografia, autoridade sem contestação interna e amplo reconhecimento nos meios internacionais.

O discurso proferido no encerramento das jornadas ultramarinas de 1962, em que a argumentação subjacente assentava na prioridade da descoberta, ocupação e acção civilizadora dos portugueses, seria uns dos principais eixos de propaganda da diplomacia externa do Estado Novo. Recorde-se que Armando Cortesão reclamava princípios idênticos aos que estiveram na base das pesquisas encetadas pelo Visconde de Santarém, um século antes, quando este miguelista auto-exilado em Paris, viria a municiar a acção diplomática dos governos liberais para fazer face às pretensões francesas sobre os territórios ocupados e administrados por Portugal na costa ocidental africana.

No final de 1963, Cortesão envolveu-se numa acesa polémica com o historiador inglês Charles Boxer a



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

propósito do teor do livro *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825*, recentemente vindo a público. Numa série de cinco artigos publicados no *Diário Popular* entre 27 de Dezembro de 1963 e 4 de Janeiro de 1964, sob o título genérico *Um Livro Insidioso*, Cortesão refutará a análise historiográfica de Boxer, embora reconhecendo um passado de erudito investigador da expansão ultramarina portuguesa acusa-o de lusofobia, sustentando a sua argumentação num claro alinhamento com o discurso oficial do regime em prol da defesa do ultramar português.

Não se livraria Cortesão de acusações de pendor nacionalista, da parte de alguns críticos, que reclamavam isenção no modo de interpretar a História; no entanto, sem contestar a existência de alguns dos seus excessos, afinal o Historiador também ele seria vítima da historicidade do seu tempo, o que viria a colocar em causa algumas das suas mais ousadas construções teóricas. Temáticas controversas como a Questão colombina e a prioridade portuguesa e a Política de sigilo foram subscritas e defendidas por Armando Cortesão, desde os anos 30 até aos seus últimos trabalhos, republicadas nos *Esparsos*, ou ainda reafirmadas em *O Mistério de Vasco da Gama*.

Do seu legado bibliográfico constam cerca de três centenas de publicações, na sua maioria sobre Cartografia e História dos Descobrimientos portugueses, escritos ao longo de mais de sessenta anos. O interesse pelo estudo e investigação das temáticas relacionadas com as navegações, a expansão ultramarina e a sua representação cartográfica tiveram maior expressão nas possibilidades que encontrou de pesquisar nos principais repositórios internacionais com documentação coeva, sendo de destacar os seus trabalhos de edição de fontes cartográficas (onde se inclui um vasto corpus documental). Importa relevar que a sua interpretação histórica, análise crítica, rigorosa e factual, veio estabelecer um novo posicionamento da cartografia renascentista portuguesa no contexto internacional, permitindo para a posterioridade outras visões e abordagens historiográficas sobre a problemática da expansão ultramarina.

Bibliografia activa: *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, 2 vols., Lisboa, Seara Nova, 1935; CORTESÃO, A. e THOMAS, Henry, *Carta das Novas que vieram a El Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João (Lisboa, 1521)*, texto original e estudo crítico com vários documentos inéditos, Lisboa, Seara Nova, 1938; *The Suma Oriental of Tomé Pires (An Account of the East, from the Red Sea to Japan, written in Malacca and India in 1512-1515) and the Book of Francisco Rodrigues (Rutter of a Voyage in the Red Sea, nautical rules, almanack and maps, written and drawn in the East before 1515)*, translated from the Portuguese MS in the Bibliothèque de la Chambre des Députés, Paris, and edited by A. C., 2nd series, LXXXIX and XC, London, Hakluyt Society, 1944; *The Nautical Chart of 1424 and the early discovery and cartographical representation of America*, vol. XIX, Coimbra, University of Coimbra, 1954; CORTESÃO, A. e MOTA, A. Teixeira da, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, 6 vols., Lisboa, Comissão para as Comemorações do V Centenário da morte do Infante D.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Henrique, 1960-62; “Realidades e desvarios africanos”, discurso em 9 de Junho de 1962, Lisboa, *Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1962, 44 pp.; CORTESÃO, A., ALBUQUERQUE, Luís e MOTA, A. Teixeira da, “Curso de História da Cartografia – 1964”, *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, vol. III, nº 29, Coimbra, 1964, pp. 140-190; *História da Cartografia Portuguesa*, 2 vols., Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, 1969-70, com dois capítulos sobre História da Náutica por Luís de Albuquerque; *O Mistério de Vasco da Gama*, Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações do Ultramar, 1973; *Esparsos*, 3 vols., Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974-75; “As mais antigas cartografia e descrição das Molucas”, *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*, edição organizada por A. Teixeira da Mota, Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975, pp. 49-74; “Descobrimientos no Atlântico e evolução da sua antiga representação Cartográfica”, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXVIII, pp. 469-540.

Bibliografia passiva: ALBUQUERQUE, Luís, “Armando Cortesão (1891-1977)”, contém bibliografia de Armando Cortesão, organizada por A. Teixeira da Mota, com a colaboração de Luís de Albuquerque, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXVI, Coimbra, 1978, pp. V-XV; ALEGRIA, Maria F. e GARCIA, João C., “Etapas de Evolução da Cartografia Portuguesa (séculos XV a XIX)”, *La Cartografia de la Península Ibérica i la seva extensió al continent americà*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1991, pp. 225-279; ALEGRIA, Maria F., DAVEAU, Suzanne, GARCIA, João C. e RELAÑO, Francesc, *História da Cartografia Portuguesa – Séculos XV a XVII*, Porto, Fio da Palavra, 2012; ANDRADE, Rui S., *Armando Cortesão (1891-1977). Ideologia e nacionalismo na historiografia da cartografia portuguesa dos séculos XV e XVI*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014; MARQUES, Alfredo P., “Os Portvgaliae Monvmenta Cartographica e o seu Significado na Historiografia e na Cultura Portuguesa”, in Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portvgaliae Monvmenta Cartographica*, reprodução fac-similada da edição de 1960, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, pp. [13]-[22]; MOTA, A. Teixeira da, “Armando Cortesão: Obituary”, *Imago Mundi, The journal of the International Society for History of Cartography*, second series, vol. 4, nº 30, Lympne Castle (UK), 1978, pp. 92-95; “Obituaries: Armando Cortesão”, *The Geographical Journal*, vol. 144, nº 3, London, November 1978, p. 534; OLIVEIRA, Francisco R., Coordenação de, *Leitores de Mapas. Dois séculos de História da Cartografia em Portugal*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Cartográficos da Universidade de Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2012; DOMINGUES, Francisco Contente, “Cartografia náutica”, *História da Marinha Portuguesa*. Coordenador Francisco Contente Domingues, *Navios, Marinheiros e Arte de Navegar 1500-1668*, Lisboa, Academia de Marinha, 2012, pp. 499-524; RAMOS, Rui, “A Erudição lusitanista perante a Guerra (c. 1960 – c. 1970): Algumas observações sobre a



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

polémica entre Charles Boxer e Armando Cortesão”. *Descobrimientos Portugueses no Mundo de Língua Inglesa, 1880 – 1972*. Edição de Teresa P. Coelho, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 189-218.

Rui S. Andrade



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA